



IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO MACIÇO DO BATURITÉ, CEARÁ

Gleidison Karão Jaguaribaras (Francisco Gleidison Cordeiro Lima)¹
Rhuan Carlos Dos Santos Lopes²

RESUMO

Dados históricos e arqueológicos indicam a profundidade temporal da ocupação humana no Maciço do Baturité, no estado do Ceará. Levantamentos anteriores, realizados em pesquisa bibliográfica e a partir de informações orais junto ao povo Karão/Jaguaribaras, indicam o amplo potencial arqueológico na região. Apesar disso, há apenas sete sítios arqueológicos registrados nos cadastros do órgão responsável pela gestão do patrimônio histórico, artístico e arqueológico do país, o IPHAN. Essa constatação ratifica a possibilidade de haver sítios ainda não identificados, bem como a relevância de alguns sítios já pesquisados, como é o caso da Serra do Evaristo. Sendo assim, este projeto teve por objetivo identificar sítios arqueológicos no Maciço do Baturité, estado do Ceará. Para isso, foram realizados novos levantamentos históricos e de informações orais junto à população local, bem como prospecção de superfície nas áreas com maior potencial, delimitação de sítios arqueológicos por meio de georreferenciamento, registro fotográfico e descritivo dos sítios identificados.

Palavras-chave: Arqueologia; Sítios arqueológicos; Método de campo.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Discente, gleidisonkarao@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Palmares, Docente, rhuanlopes@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa supracitado, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e desenvolvido através do Grupo de Estudos com Povos Indígenas (GEPI) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

A pesquisa teve por finalidade: identificar sítios arqueológicos no Maciço de Baturité, estado do Ceará; identificar relatórios de pesquisa em Arqueologia realizadas no Maciço do Baturité; localizar e caracterizar sítios arqueológicos no Maciço do Baturité; registrar as narrativas históricas dos povos indígenas acerca da região do Maciço do Baturité; sistematizar informações sobre a ocupação humana de longa duração no Maciço do Baturité.

Com isso, a proposta buscou, por um lado, inserir-se no debate acerca da arqueologia no maciço do Baturité seguindo as narrativas indígenas, e por outro, dialogar com como a Arqueologia contribuem para o fortalecimento étnico dos povos e para formação da sociedade local.

A serra do Baturité no Ceará se consagra como um oásis no meio do sertão cearense, com abundância de recursos naturais. Teve em sua essência de ocupação diversos conflitos para o domínio no modelo colonial e que dura até os dias atuais em diversos contextos e a Arqueologia juntamente com os Povos indígenas presentes nesse território irá nos guiar a essa longa trajetória.

METODOLOGIA

Realizamos levantamentos bibliográficos e de campo. No que diz respeito ao primeiro, ampliamos as informações históricas existentes sobre a região do Maciço de Baturité, tendo em vista publicações em formato de artigos e livros disponíveis nas plataformas digitais de pesquisa, tais como Scielo e Portal de Periódicos da CAPES.

Foi realizado também levantamento junto ao IPHAN, através do Sistema de Informação Eletrônica (SEI) da instituição, com vistas a verificar a existência de outros projetos e relatórios de pesquisa sobre a área de interesse deste projeto. Esse conjunto de dados foi conjugado com as informações relativas à observação das áreas com potencial arqueológico. Nesses locais, em específico, foram realizadas prospecção oportunística: obtenção de informações junto aos moradores do entorno sobre possíveis locais com vestígios arqueológicos, bem como sobre o tempo de ocupação recente no local.

Por fim, a informações gerais (características dos vestígios, extensão e tipo de sítio, dados históricos, topografia, vegetação, localização, acesso, antropização recente, marcos topográficos, rede de drenagem) foram registradas em ficha específica, além de ser realizada a fotografia georreferenciada dos sítios e de amostras significativas dos vestígios (sem que haja coleta, nesse momento). Esse conjunto de informações possibilitará a produção de mapas com localização dos sítios da região, incluindo informações sobre as categorias de sítio e seus padrões dedistribuição na paisagem do Maciço de Baturité.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devemos treinar nossas percepções para olhar pro agora pra entender o passado, todavia, demos encarar os escritos coloniais mais antigos escritos com alto grau de interesses na colonização, ora se vangloria pelos massacres aos indígenas ora cria uma imagem monstruosas, para assim justificar a máquina do progresso e deslegitimar a existências étnica nos territórios.

Assim se desenha a história do maciço do Baturité, repleto de enredo tingido de sangue. Abaixo veremos



algumas notas. Almeida (1988, p. 63) na obra “Heróis Indígenas Do Brasil; memórias sinceras de uma Raça” traz a fala da morte de Baturité (pessoa) no Século XV e que por causa dele a montanha (serra) recebe esse nome, para os Karão Jaguaribaras se dá o contrário, ele recebe esse nome por causa da serra.

Na segunda metade do século XV os Jaguaribaras e Payacú entraram em conflito por causa da pressão da guerra do Assú causando o deslocamento forçado de povos no Rio grande do Norte, isso foi usado como pretexto pelos colonizadores para chamada guerra justa em 1671, desse conflito surgiu o Aldeamento próximo ao maciço na atual. Pacajús, denominado Aldeamento de Monte Mor o velho 1741 a 1762 (NIMUENDAJU, 1981), como aborda o autor Stuart Filho (1962).

Em 1717 consta na Carta de sesmaria de Nº 369 com data de 28 de novembro de 1717, a concessão de terra em nome do Tapuya Jaguaribaras no local denominado apenas como Aldeia do tapuio Jaguaribara (ROCHA, 1920). No ano de 1725 ocorreu na Aldeia do Tapuyo Jaguaribara no maciço (STUART FILHO, 1931, p. 73) um terrível massacre.

Essa Aldeia foi concedida pela coroa através petição de Sesmaria ao Tenente Coronel Manoel Rodrigues das neves na serra do Yboturitê, através da carta de sesmaria de Nº 113 com data em 4 de fevereiro de 1735 (ROCHA, 1920) e a afirmação de Antônio Bezerra (2009) ao narrar a bravura dos Jaguaribaras ao defenderem suas terras no Baturité.

“[...] a serra de Baturité mais próxima das povoações da beiramar e da força estacionada no presídio do Ceará, só pôde ser povoada em 1737, quando alargaram os Jaguaribaras e Anassés, tirando dela a primeira data em 28 de novembro de 1727, o capitão Tomé Calado Galvão e seus parentes que, por se não terem situado no tempo da lei, foi de novo dada ao capitão-mór Lopo Barbosa Maciel, capitão Pedro da Rocha Maciel, e tenente coronel Manuel Duarte da Cruz, em 22 de julho de 1735, [...] a serra de Baturité, tão vizinha da Fortaleza, em consequência da oposição tenaz dos Tapuias, que se batiam desesperadamente com as forças do governo e homens das bandeiras desde o ano de 1654, data da retirada dos Holandeses desta capitania, sendo certo que se não renderam, senão quando extintos pelas armas e pela superioridade de número dos combatentes” (BEZERRA 2009 p 92, 93)

Em 1764 foi erguida a Vila Real de Montemor o Novo da América (LEITE NETO, 2006), data importante para os colonizadores, com a construção ideológica do desaparecimento da população indígena no Maciço de Baturité. Desse período até os dias atuais a contextualização é de total invisibilidade para a população nativa, fortalecida por legislações que fortalecem como as reformas pombalinas, a lei de terra de 1850 e o relatório provincial que diz não existir mais indígenas no Ceará.

A dimensão de patrimônio dentro de uma ocupação que acontece desde tempos imemoráveis, como é o caso do maciço de Baturité toma uma proporção complexa, a qual temos que qualificar a significância com os valores empregados pela sociedade indígena e não indígena, sendo que os primeiros seguem cosmologias próprias, totalmente divergente da logica ocidental.

A princípio demos de cara com tipos próprios de tratamento e simbologias no quesito do tratamento empregado pelos povos tradicionais e originário no maciço de Baturité sobre os sítios arqueológicos e patrimônios, nos referimos principalmente a aqueles as quais estão dentro de suas poligonais de reivindicação de territórios.

Esses grupo que hoje se manifestam publicamente são eles: Povo Kanindé que se localiza em Sítio Fernandes, no município de Aratuba; Nação Karão Jaguaribaras presente nos municípios de Baturité na Aldeia Beira Rio, Capistrano na Aldeia Furna da Onça e Aratuba nas Aldeias Cabeça da onça, Boa vista, Jacarandá, Cajazeiras e Feijão, Comunidade Quilombola do Evaristo presente no município de Baturité e mais recente a comunidade Quilombola da Pindoba que fica no município de Aratuba no Sítio Pindoba e as informações coletadas ainda são bem tímidas.



De forma bem preliminar ainda não se tem um aprofundamento sobre a forma de cada um desses grupos frente aos patrimônios. Sabe-se, porém, que existe uma materialização museu pelo Povo Kanindé e uma ressignificação do patrimônio indígena pela comunidade quilombola da Serra do Evaristo. As quais tem grandes relevâncias em suas lutas étnicas, quase como um pilar principal de visibilidades de suas reivindicações por aparatos que os asseguram uma vida com dignidade e respeito pelas pluralidades.

Para a nação Karão Jaguaribaras os sítios Arqueológicos são tratados como locais sagrados, de memória de seus antigos e passagens do sagrado há depender do tipo do "sítio". Na prática funciona como um demarcador de espaço que remonta suas interações e intervenções no maciço. Também fortalece e legitimam suas reivindicações, sendo usado como ferramenta na quebra do silêncio e se empoderando da condução de sua própria história, passado, presente e futuro.

O Povo Karão Jaguaribaras aponta em suas narrativas diversos espaços sagrados na região Maciço e muitos deles são registros arqueológicos, isso corresponde a ocupação do povo na região, uma vez que se tem relatos e documentos antigos na região que por mais que sofrem com as tentativas coloniais de escondê-los aparecem para evidenciar e se contrastar com as memórias desse Povo.

Os poucos estudos que foram realizados sobre Arqueologia se detêm aos estudos de impactos da trans nordestina e da via férrea de Baturité, mas recente tem os estudos arqueológicos realizados no sítio funerário da serra do Evaristo. Para além disso a quantidade de materiais em superfície dentro do território Karão Jaguaribaras nos dá noção da riqueza.

Neste projeto de pesquisa, as prospecções de superfície foram mais intensas em duas principais localidades, a primeira na terra indígena Feijão atual núcleo da etnia na atualidade que fica nas divisas dos municípios entre Aratuba com Canindé; a segunda, no complexo que forma Terra indígena que nos Karão Jaguaribaras chamamos de Kalembre (Aldeia) chamada de Ybutrytê que compõe as comunidades de Cabeça, Jacarandá, Cajazeras, Centada, Pelado, Bom jardim, Itu e mais outros que após ações coloniais descaracterizaram a grande Aldeia.

No Feijão das várias idas a campo, foi identificado um grande mosaico de materiais de estudos em sítios de cerâmicas com elas diversos contextos, materiais líticos como lâmina de machado e pedras lascadas, sítios históricos como os casarões e seus contextos, por fim artes rupestres. Em Ybutrytê a nossa a Aldeia Mãe, visitamos muitos de seus trechos e os principais locais foram a cabeça da onça no município de Aratuba, Jacarandá no município de Aratuba, a Sentada no município de Baturité. Entramos por fortuito diversas peças arqueológicas na superfície, nessa podemos contextualizar que identificamos cemitérios, artes rupestres, materiais líticos, cerâmicas indígenas e sítios históricos.

CONCLUSÕES

Majoritariamente o território estudado tem fortes influências indígenas. Fatos históricos sobre os indígenas do/no Maciço de Baturité ainda é pouco estudado, uma vez que existe ainda muitos conflitos territoriais e várias correntes ideológicas no sentido colonial, como o crescente aumento no setor da indústria imobiliária, a apropriação dos recursos hídricos, a exploração excessiva-predatória do solo e dos recursos naturais entre outros, que não é interessante a presença do Povo originárias.

As abordagens contemporâneas dos nativos ainda não se encontram muito presente. Atualmente apenas dois Povos se apresentam publicamente no Maciço. Sendo o Estado do Ceará, historicamente é cotado com mais de 80 etnômios mas que por algum motivo não estão em evidência étnica.

Dessa forma a abordagem dos patrimônios no Maciço do Baturité seja material ou imaterial se torna um desafio, a menos que esses vestígios históricos sejam de cunho colonial de figuras não indígenas, mas que



criam a narrativas heróicas da covarde mataça dos povos da região.

AGRADECIMENTOS

Nesse espaço quero expor minha gratidão a todos os seres materiais e imateriais, encarnados e desencarnados, aos grandes espíritos Kahoo e a toda nação Jaguaribaras. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ao Grupo de Estudo com os Povos Indígenas da UNILAB-CE, ao orientador Rhuan Carlos Lopes, e a todos que colaboram com o presente trabalho. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa intitulada IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO MACIÇO DO BATURITÉ, CEARÁ e executada entre 01/09/2022 e 31/08/2023, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Unilab.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Antônio. Algumas origens do Ceará. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1901.
- FILHO, Sturdat. Os Aborígenes do Ceará I. Fortaleza: Revista do instituto do Ceará, 1962.
- FILHO, Sturdat. Os Aborígenes do Ceará II. Fortaleza: Revista do instituto do Ceará, 1963.
- FILHO, Sturdat. Notas históricas sobre os indígenas cearense. Fortaleza: Revista do instituto do Ceará, 1931.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa Etnico-histórico do Brasil e Regiões Adjacente. Rio de Janeiro: Fundação Nacional pró- Memória, 1944. Escala 1:2. 500.000 - 1944. Mapa do Brasil - IBGE - Escala 1:5. 000.000 - 1977.
- Prous, André. Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores. Cuiabá: Archeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019.
- Schiffer, Michael B. Formation processes of the archaeological record. Salt Lake City: University of Utah Press Edition, 1996.
- ROCHA, José Moreira da. Datas de Sesmarias. Typographia Gadelha: Fortaleza, 1920.